

Etnodrama

Contribuições do grupo
de estudos de psicodrama
e relações raciais

Maria Célia Malaquias (org.)



ETNODRAMA

Contribuições do grupo de estudos de psicodrama e relações raciais

Copyright © 2023 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Coordenação editorial: **Janaína Marcoantonio**

Edição: **Mariana Marcoantonio**

Preparação: **João Gabriel Messias**

Revisão: **Raquel Gomes**

Capa: **Alberto Mateus**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar

05006000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 38723322

<http://www.editoraagora.com.br>

e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 38659890

Vendas por atacado

Fone: (11) 38738638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Prefácio	11
<i>Valéria Brito</i>	
Apresentação de um processo de cocriação.	15
<i>Maria Célia Malaquias</i>	
1. A importância do letramento racial em diferentes contextos: grupo de estudos de psicodrama e relações raciais	19
<i>Adriana Cristina Dellagiustina, Marli de Oliveira e Teresa Cristina Bignardi Gonçalves</i>	
2. Fanon e Moreno: dois pensadores libertários que revolucionaram a saúde mental	39
<i>Evânia Maria Vieira, Luiza Lacerda de Oliveira e Maria Célia Malaquias</i>	
3. Representatividade negra na matriz de identidade moreniana . . .	53
<i>Adriane Rita Lobo e Sirlene Margarida Pedro</i>	
4. Amor preto cura? As nuances e os desafios da psicoterapia de casais e famílias afrocentradas	67
<i>Daniela Aparecida Cardoso da Silva</i>	
5. A construção de intersubjetividades sob a égide do racismo	81
<i>Elenice Gomes e Rosana Maria de Sousa Rebouças</i>	

6. Percepções da branquitude na clínica: a visão de uma psicóloga branca	97
<i>Luiza Martins Silva Guimarães</i>	
7. Implicações da falta de letramento racial na promoção de cuidado para pessoas negras	113
<i>Caroline Batista Bettio, Dayse Bispo Silva e Maria Luiza Vasconcellos Barbosa</i>	
8. O papel da mulher negra no mundo do trabalho: reflexões de um etnodrama	131
<i>Maristela Paz Correa Felipe</i>	
9. Mulher negra guerreira e o esquema da supermulher: impactos do estresse social na saúde mental	149
<i>Evânia Maria Vieira e Maria Célia Malaquias</i>	
10. Uma perspectiva do <i>thriller</i> social: denúncias do refúgio e da branquitude	165
<i>Melissa Oliver Vidal</i>	
11. Envelhecimento, negritude e psicodrama: recortes interdisciplinares	177
<i>Silvana Monteiro Gondim e Soraia André César</i>	
Posfácio	185
<i>Evânia Maria Vieira</i>	

Prefácio

Valéria Brito

“Sou um pedacinho de muitos/ Sou quem caminha e vira o caminho/ Eu sou pelo que fomos/ Para além do que fizeram com nós.”¹ As palavras da poeta quilombola Ana Mumbuca abrem este texto e me orientam a assumir meu lugar de privilégio, o privilégio de iniciar vocês, leitoras e leitores, na apreciação deste importante livro, mais uma ousadia desta grande intelectual, Maria Célia Malaquias.

Nossa, que introdução pomposa! — pensarão alguns. É mesmo! Mas, como vocês poderão conferir ao ler o livro, merecida. Pensar, refletir, estudar fora de programas institucionais de modo autofinanciado é a marca de uma autêntica liberdade intelectual. Coordenar um livro que reúne autoras iniciantes e experientes, todas mulheres, é uma ousadia, ou melhor, é um ato espontâneo e criativo. Espero que meus privilégios como mulher negra de pele clara², com percurso acadêmico e profissional protegidos por vários marcadores sociais em uma sociedade desigual que naturaliza os privilégios, sirvam para fazer com que a história deste etnodrama seja mais ouvida.

Era uma vez uma mulher negra, era uma vez uma psicodramatista, era uma vez grupo de estudos, era uma vez um livro... Eram muitas vezes histórias de mulheres, de psicoterapeutas, educadoras, intelectuais decoloniais, antirracistas, feministas, filhas, mães, avós, irmãs, amigas. É dessas histórias que nasce este livro, uma transposição para

¹ Ana Mumbuca, “existência poética”. In: *Voo das abelhas da terra*. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2020. (Caderno de Leituras, n. 117, Série Intempestiva). p. 2.

² Gabriele da Silva Oliveira, “As não brancas: identidade racial e colorismo no Brasil”. *Geledés*, 18 abr. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-nao-brancas-identidade-racial-e-colorismo-no-brasil/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

o papel de uma série de linhas de vidas, de pensamentos, de afetos e práticas. Essas linhas compõem um bordado delicado que se espalha sobre o tecido comum da socionomia, com diversidade de pontos, cores e matizes escolhidos para dar visibilidade ao preto e ao marrom, por um lado, e, por outro, à sujeira que se esconde no pacto da branquitude e ao emaranhado do nosso racismo cotidiano. As violências perpetradas pela misoginia e pela branquitude, parte das dores que nós, mulheres do Quilombo Malaquias, compartilhamos e tratamos — que procuramos evitar ou modificar por meio de reflexões e intervenções calcadas na socionomia e no psicodrama — se expressam em palavras, diálogos, complementaridades e solilóquios textuais.

Os matizes das linhas que compõem este bordado se combinam em textos compostos em parcerias. No capítulo inicial, Adriana Cristina Dellagiustina, Marli de Oliveira e Teresa Cristina Bignardi Gonçalves ensinam sobre “A importância do letramento racial em diferentes contextos” e descrevem como os grupos de estudos de psicodrama e relações raciais se constituem como espaço de aprendizagem teórico-vivencial e nos convidam a formar novos quilombos.

Na sequência, Evânia Maria Vieira, Luiza Lacerda de Oliveira e Maria Célia Malaquias criam uma realidade suplementar sob o título “Fanon e Moreno: dois pensadores libertários que revolucionaram a saúde mental”. A partir de uma revisão de conceitos e casos clínicos, as autoras nos mostram a necessidade e relevância, para nós, psicodramatistas, de incluirmos Virgínia Bicudo, Juliano Moreira, Neusa Santos Souza, Maria Aparecida Silva Bento, Sueli Carneiro e outras autoras negras(os) na interlocução com a obra moreniana.

As linhas de Adriane Rita Lobo e Sirlene Margarida Pedro seguem o traçado desse encontro entre psicodrama e movimentos de consciência racial nos lembrando das conservas baseadas nas “formas ditadas pela idealização da branquitude: a discriminação pelo cabelo, pelo modo de rir, vestir-se, dançar, andar e expressar-se” no capítulo “Representatividade negra na matriz de identidade moreniana”.

Destaca-se também o capítulo “Amor preto cura? As nuances e os desafios da psicoterapia de casais e famílias afrocentradas”, escrito por

Daniela Aparecida Cardoso da Silva, que nos apresenta a linha de pensamento da filósofa burquinense Sobonfu Somé³ para tecer conceitos e práticas de cuidado com famílias negras desenvolvidos em sua prática clínica: “Então, é o amor pela minha ancestralidade, por quem veio antes de mim, pelos meus, por quem está comigo agora e por quem ainda virá que me permite fazer da minha clínica um quilombo — onde estou com o meu corpo e onde sustento a minha escuta, promovendo saúde, tendo a agência e a agenda de pessoas negras no centro e me colocando como parte dessa construção comunitária [...]”. O texto em estilo tanto preciso como poético de Daniela Silva é uma importante contribuição para o psicodrama contemporâneo e para o campo das psicoterapias familiares comprometidas com o movimento decolonial e antirracista.

A partir da constatação de que “quase todas as teorias da personalidade têm como autoras pessoas brancas, na sua maioria europeias, cujo olhar sobre o desenvolvimento humano tem como sujeito de referência a raça branca”, Elenice Gomes e Rosana Maria de Sousa Rebouças tecem, em ponto-cruz, reflexões sobre “A construção de intersubjetividades sob a égide do racismo”. Em ponto de entremeio, Luiza Martins Silva Guimarães se nomeia como branca racializada e descreve as “Percepções da branquitude na clínica: a visão de uma psicóloga branca”, na tentativa de superar o pacto de silêncio da branquitude.

Aliando firmeza e delicadeza de pontos de laçada, Caroline Batista Bettio, Dayse Bispo Silva e Maria Luiza Vasconcellos Barbosa escrevem o importante capítulo “Implicações da falta de letramento racial na promoção de cuidado para pessoas negras”, no qual apontam a falta de letramento racial e de treinamento para o manejo do racismo em psicodramas públicos e alertam para a violência que isso inflige a pessoas negras.

Em ponto caseado, Maristela Paz Correa Felipe propõe a discussão de um tema “velado de maneira política, histórica, cultural e estrutural” e relata sua pesquisa sobre “O papel da mulher negra no mundo do trabalho: reflexões de um etnodrama”, contribuição significativa para os estudos da saúde das trabalhadoras.

³ Sobonfu Somé, *O espírito da intimidade – Ensinaamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. São Paulo: Odysseus, 2003.

Em “Mulher negra guerreira e o esquema da supermulher: impactos do estresse social na saúde mental”, Evânia Maria Vieira e Maria Célia Malaquias tecem, em ponto corrente, um traçado que remonta à militância dos Panteras Negras nos Estados Unidos, delineando o “autocuidado radical” como recurso para enfrentar as intersecções de estereótipos de gênero e raça e garantir a sobrevivência e a promoção da saúde das pessoas negras.

Em um contraponto, Melissa Oliver Vidal, em “Uma perspectiva do *thriller* social: denúncias do refúgio e da branquitude”, pergunta: “Quem, senão o homem branco europeu, levou para o continente africano as forças malignas da violência e da escravização, condenando vários povos ao não pertencimento?”.

Para arrematar, Silvana Monteiro Gondim e Soraia André César, em “Envelhecimento, negritude e psicodrama: recortes interdisciplinares”, apontam o psicodrama como possibilidade de promover diálogos e encontros grupais que gerem uma forma de aprendizagem afetiva e permanente.

Como todo bordado elaborado com capricho, o avesso deste livro, ou seja, o que sustenta as palavras que aqui se dispõem, tem acabamento primoroso. Convido vocês, leitoras e leitores, a apreciarem as referências bibliográficas de cada capítulo como linhas que podem ser empregadas para a descoberta de outras autoras e autores capazes de escurecer suas ideias e ideais. Também os convido a reconhecer o contexto social e grupal como racializados, de modo que possamos ver nas histórias que vivemos e ouvimos o peso da cor e a transversalidade do racismo nos papéis sociais, sociodramáticos e psicodramáticos.

Que as contribuições do grupo de estudos de psicodrama e relações raciais, esse belo bordado intelectual, seja levado a muitas paragens psicodramáticas e se constitua para outras leitoras e leitores, como para mim, em disparador potente para sustentar a (re)existência⁴ dos movimentos antirracistas da comunidade psicodramática e da sociedade brasileira.

⁴ Conceição Evaristo, “Narrativas de (re)existência”. In: PEREIRA, Amílcar Araújo. *Narrativas de (re)existência – Antirracismo, história e educação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2021. p. 23-48.

Apresentação de um processo de cocriação

*Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância*

o eco de vida – liberdade

Conceição Evaristo, “Vozes-Mulheres”

Ao iniciar a apresentação desta obra cocriada pelas mãos de vinte mulheres, sinto-me atravessada por muitas emoções. *Etnodrama – Contribuições do grupo de estudos de psicodrama e relações raciais* é a concretização de um sonhar junto. Para apresentá-la a vocês, revisito minha trajetória como mulher negra, psicóloga e psicodramatista. Em 1988, ano do centenário da abolição da escravização oficial no Brasil, dada a ausência de espaços onde pudéssemos falar das dores emocionais provocadas por ações racistas, eu idealizei e coordenei o projeto “Origens negras”, um grupo só com pessoas negras visando trabalhar a autoestima. Os encontros aconteceram uma vez por semana, no meu consultório. Na época, eu era uma psicoterapeuta iniciante; e a experiência com esse grupo evidenciou para mim a necessidade, a importância e a carência desses espaços, tornando-se determinante para que eu seguisse trabalhando com grupos. Assim, fiz a minha formação em Psicodrama e, em 1999, em parceria com o psicodramatista e psiquiatra Paulo Amado, apresentei meu primeiro trabalho em congresso de psicodrama, com a temática das relações raciais: “Psicodrama e a subjetividade palmarina: da senzala a Palmares”. Desde então, participei de quase todos os congressos brasileiros de psicodrama e de alguns internacionais, como o Congresso Ibero-Americano de Psicodrama e o Congresso da Associação Internacional de Psicoterapia de Grupo e Processos de Grupo (IAGP), nos quais apresentei trabalhos na perspectiva das relações raciais.

Em 2016, quase duas décadas após a minha primeira experiência trabalhando com grupos na perspectiva das relações raciais, iniciei o projeto “grupo de estudos de psicodrama e relações raciais”, o G1. As reuniões aconteciam presencialmente, no meu consultório. Com a chegada da pandemia, em agosto de 2020 iniciamos o G2 on-line e, em março de 2021, o G3. Os três grupos estão em funcionamento: os encontros acontecem uma vez por mês, na modalidade on-line, o que possibilita a participação de pessoas de todas as regiões do Brasil.

O livro que tenho a honra de apresentar é fruto de um caminhar junto e de longa data. Como nos lembra a médica e ativista feminista Jurema Werneck, “nossos passos vêm de longe”¹.

Após quase sete anos de vivência intensa nos grupos de estudos, no começo de 2022 iniciamos o projeto de organização do presente livro. Na época, estávamos organizando o 23º Congresso Brasileiro de Psicodrama, e eu me ocupava de sua presidência. Convidei Evânia Maria Vieira para coordenar o projeto do livro, enquanto eu me dedicava ao congresso. Assim, esta obra foi se tecendo por meio de um convite aberto a todas as pessoas participantes do grupo de estudos. Realizamos algumas reuniões on-line, em que cada uma pôde falar do seu projeto de escrita, seu tema de interesse. Criamos um grupo de WhatsApp para nos mantermos aquecidas e facilitar as trocas. Espontaneamente, para a escrita dos capítulos, formaram-se quatro duplas e três trios, enquanto quatro participantes optaram por escrever seu capítulo individualmente.

Etnodrama – Contribuições do grupo de estudos de psicodrama e relações raciais apresenta-se com algumas singularidades que o tornam peculiar e dão o tom e o colorido da diversidade que o constitui. As autoras são profissionais com vasta experiência em suas áreas de atuação na saúde e na educação. A maioria é psicodramatista. Algumas são professoras didatas supervisoras, professoras universitárias, mestres, doutoras, pesquisadoras e autoras reconhecidas. Outras, psicodramatistas recém-formadas, vivenciam pela primeira vez o papel de autoras.

¹ Jurema Werneck, Maísa Mendonça e Evelyn C. White (orgs.). *O livro da saúde das mulheres negras – Nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

Em sua maioria, são mulheres negras, mas há também brancas, orientais, indígenas, de diferentes gerações, que congregam a escolha por pertencer ao grupo de estudos de psicodrama e relações raciais — que o G2, em seu primeiro encontro, em agosto de 2020, chamou de “Quilombo Malaquias”, referindo-se a um espaço de liberdade para aprender/ensinar a acolher e ser acolhida, a cuidar e ser cuidada. Nesse contexto, é possível compartilhar vivências, mediadas por leituras, discussões, processamentos, com fortalecimento individual e coletivo, que tem possibilitado transformar nossas ações nos espaços pessoais e profissionais que ocupamos.

Minha gratidão a essas mulheres por aceitarem e assumirem comigo o desafio deste projeto.

Pela companhia ao longo desses anos, e por tudo que temos co-construído, agradeço a Evânia Maria Vieira: sua parceria na coordenação foi determinante para a realização desta obra, neste momento. Obrigada também por ter aceitado o convite para escrever o posfácio e nos possibilitar rever e elaborar a trajetória desta obra.

Gratidão a Valéria Brito, pela generosidade e maestria com que leu o livro e escreveu o prefácio; pelo cuidado e pela delicadeza com que percorreu e alinhou o que você nomeou de bordado.

E às autoras, minha gratidão. Sabemos que o exercício da escrita não é fácil, sobretudo pelas condições nas quais ousamos escrever, permeadas de tantos outros papéis, de inúmeras demandas. É preciso muita garra e vontade para conseguir. Conseguimos! Parabéns pela excelente contribuição de vocês com suas pesquisas, reflexões e escritos sobre relações raciais na perspectiva da teoria e prática do psicodrama. Agradeço a cada uma, nomeando-as, seguindo a ordem dos capítulos no sumário: Adriana Cristina Dellagiustina, Marli de Oliveira e Teresa Cristina Bignardi Gonçalves; Luiza Lacerda de Oliveira; Adriane Rita Lobo e Sirlene Margarida Pedro; Daniela Aparecida Cardoso da Silva; Elenice Gomes e Rosana Maria de Sousa Rebouças; Luiza Martins Silva Guimarães; Caroline Batista Bettio, Dayse Bispo Silva e Maria Luiza Vasconcellos Barbosa; Maristela Paz Correa Felipe; Melissa Oliver Vidal; e Silvana Monteiro Gondim e Soraia André César.

Gostaria de convidar você, que me acompanha nesta apresentação, a adentrar na leitura desse universo, tecido por cada autora com muito afeto, empenho e vontade de oferecer o melhor possível. São temas diversos que permeiam nosso cotidiano relacional, pautado na sociedade brasileira racializada. Vejo este livro como uma grande colcha de retalhos, daquelas tecidas por nossas avós: costuradas à mão, num movimento de ir e vir com a agulha que conduzia a linha, para juntar os pedaços de pano colorido e formar um lindo trabalho. Veja, aproxime-se!

Desejo a você boa leitura. Espero que ela suscite discussões, reflexões e novas ações. Que novas pesquisas emergjam e contribuam ainda mais para coconstruções de relações mais saudáveis. Nas palavras de Conceição Evaristo, “É tempo de ninguém se soltar de ninguém,/ [...] / O laçar de mãos não pode ser algema/ e sim acertada tática, necessário esquema”².

MARIA CÉLIA MALAQUIAS
São Paulo, março de 2023

² Conceição Evaristo, “Tempo de nos aquilombar”, 31 dez. 2019 (Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/em-textos-ineditos-escritores-expressam-desejos-para-2020-1-24165702>. Acesso em: 26 jul. 2023.)

1. A importância do letramento racial em diferentes contextos: grupo de estudos de psicodrama e relações raciais

Adriana Cristina Dellagiustina

Marli de Oliveira

Teresa Cristina Bignardi Gonçalves

O grupo de estudos de psicodrama e relações raciais teve início em 2016, com encontros presenciais na cidade de São Paulo (SP), a convite da psicodramatista Maria Célia Malaquias, que desenvolve trabalhos com a temática étnico-racial desde 1999. Originalmente com periodicidade quinzenal, a partir de 2018 os encontros passaram a ser mensais. Em agosto de 2020, com o distanciamento social e a necessidade de encontros on-line, inaugurou-se também uma nova fase do grupo de estudos, que foi ampliado graças à participação de pessoas de vários lugares do Brasil e do mundo. Ao longo de cinco anos de existência, o grupo já contou com a participação de 45 pessoas, sendo que, destas, aproximadamente 30 permanecem atuantes (Silva, 2022).

Alguns de seus objetivos são: fomentar um espaço para leitura em grupo de textos sobre relações étnico-raciais; construir juntas conhecimento teórico e prático pautado na base teórico-ideológica, técnica e metodológica do psicodrama; contribuir para a ampliação de reflexões e discussões sobre a atuação profissional de psicodramatistas, em especial nas áreas de saúde e educação, na perspectiva das relações étnico-raciais; e promover um laboratório de pesquisa-ação para que as pessoas participantes possam treinar e experimentar papéis de direção e ego auxiliar, entre outros, próprios das técnicas psicodramáticas (Silva, 2022).